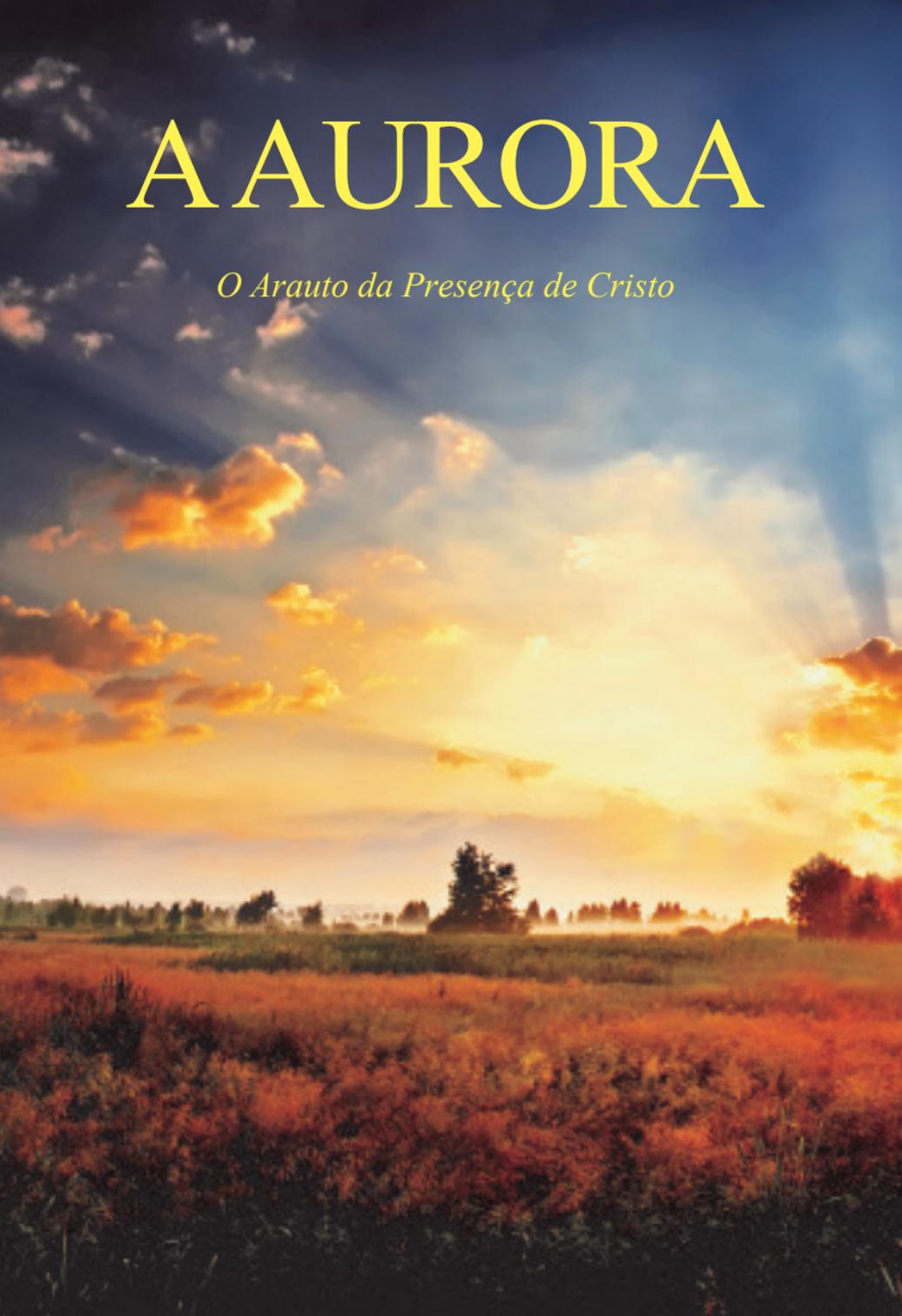


# A AURORA

*O Arauto da Presença de Cristo*



# A AURORA

Vol. 11 No. 4

Julho - Agosto 2018

Publicada em Alemão, Croata, Espanhol,  
Francês, Grego, Inglês, Italiano, Polonês,  
Português, Romeno, Russo e Ucrainiano.

## CONTEÚDO DESTE NÚMERO

A AURORA é publicada bimestralmente por The Dawn Bible Students Association, Divisão em português, 199 Railroad Avenue, East Rutherford, NJ 07073, USA  
www.dawnbible.com

Sirva-se notificar-nos imediatamente sua mudança de domicílio. Inclua a etiqueta de envio de sua revista, e envie-a juntamente com seu novo endereço. Preço anual: US \$12.00 (6 números) Sem custo de fora os EUA

**ALEMANHA:** Tagensbruck Bibelstudien-Vereinegung, Alzeyer Str. 8 (Postfach 252), D 67253 Freinsheim

**ARGENTINA:** El Alba, Calle Almirante Brown 684, Monte Grande, Buenos Aires

**AUSTRÁLIA:** Berean Bible Institute, P.O. Box 402, Rossana, Victoria, 3084

**BRASIL:** A Aurora, E-mail: ebbereanos@gmail.com

**CANADÁ:** P.O. Box 1565, Vernon, British Columbia, V1T 8C2 Canada

**COLÔMBIA:** A.A. 7804, Medellín, Antioquia.

**ESPAÑA:** El Alba, Via S. Leonardo 21, Octaviano 80044, Napoli, Italia

**FRANÇA:** Aurore, 45, Avenue de Gouvieux, 60260, Lamorlaye

**GRÉCIA:** He Haravgi (The Dawn), 199 Railroad Ave., East Rutherford, NJ 07073 USA

**ILHAS BRITÂNICAS:** Associated Bible Students, 102 Broad Street, Chesham, HP5 3ED

**ÍNDIA:** The Dawn, Blessington, #34, Serpentine St., Richmond Town, Bangalore 560025

**ITÁLIA:** Aurora, Via Ferrara 42, 59100 Prato

## DESTAQUES DA AURORA

A humanidade alcançará a “Terra Prometida”? 2

## ESTUDOS INTERNACIONAIS DA BÍBLIA

A parábola do servo não perdoador 18

Jesus critica os líderes injustos 21

A viúva e o juiz injusto 24

A entrada no Reino de Deus 27

A parábola do grande banquete 30

## VIDA E DOCTRINA CRISTÃ

A busca pelo povo de Deus – Parte 10

A conclusão da terceira viagem de Paulo 33

The Dawn - Portuguese Edition

JULY / AUGUST 2018

A menos que se indique o contrário a tradução da Bíblia usada nesta Revista é a Versão Almeida Corrigida Fiel/ACF – Edição de 2011

Printed in USA

# A humanidade alcançará a “Terra Prometida”?

*“Pela fé, [Abraão] peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa. porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador.” — Hebreus 11:8-10, ARA*

**CINQUENTA ANOS ATRÁS**, em abril de 1968, o Dr. Martin Luther King Jr. fez um discurso em Memphis, Tennessee (EUA), onde suas palavras concludentes foram: “Eu só quero fazer a vontade de Deus. E ele me permitiu subir até a montanha. E eu olhei e vi a Terra Prometida. Talvez não chegue até lá com vocês, mas quero que saibam que nós, como um povo, chegaremos à Terra Prometida. ... Os meus olhos viram a glória da vinda do Senhor.”

Esse seria o último discurso do Dr. King. No dia seguinte, enquanto ele estava do lado de fora do seu quarto de hotel em Memphis, ele foi morto pela bala de um assassino. Mais tarde, o médico que realizou sua autópsia observou que, embora tivesse apenas 39 anos de idade, seu coração estava na condição de um homem

de 60 anos de idade. Muitos atribuíram isso ao grande estresse de seus muitos anos de envolvimento no movimento pelos direitos civis. Certamente, é uma evidência de seu compromisso incansável com a causa da igualdade, paz e fraternidade entre todas as pessoas.

O espírito do desejo de Martin Luther King, tanto dele quanto das muitas pessoas que ele representou, de entrar na Terra Prometida, sem dúvida ecoou na mente e coração de grande parte da humanidade. A humanidade, em geral, há muito tem buscado por um tempo e lugar em que exista uma idílica utopia de paz, segurança, saúde, respeito e amor entre seus habitantes. Homens e mulheres sinceros em todo o mundo continuam a ter esperança, e até a orar, por uma resposta afirmativa à pergunta de nosso título — o desejo tão vividamente expressado pelo Dr. King meio século atrás.

## **ORIGEM BÍBLICA**

O termo “Terra Prometida” tem suas origens na Bíblia, especificamente denotando a terra que foi prometida a Abraão, Isaque e Jacó, conforme declarado em nossos versículos introdutórios. Esses versículos afirmam ainda que os patriarcas fiéis só viveram como estrangeiros nessa terra. Eles esperaram pacientemente pelo tempo em que Deus iria prepará-la como uma morada permanente para seus descendentes, incluindo o estabelecimento de cidades com “fundamentos”, ou alicerces, permanentes.

Com o passar do tempo, a descendência dos doze filhos de Jacó se tornou numerosa, e Deus começou a chamá-los pelo nome de “Israel”. (Gên. 35:9-12)

Ainda não era o devido tempo de Deus para os israelitas possuírem a terra prometida aos seus antepassados, por isso ele conduziu os assuntos para que eles morassem no Egito por um longo período. No Egito, eles “aumentaram muito, e multiplicaram-se, e foram fortalecidos grandemente”. (Êxo. 1:1-7) Por fim, chegou o tempo em que o propósito de Deus, de ter os israelitas vivendo permanentemente na terra prometida a seu pai, Abraão, começaria a se cumprir. “Lembrou-se Deus da sua aliança [ou pacto] com Abraão.” — Êxo. 2:24

Os israelitas deixaram o Egito sob a liderança de Moisés e Arão, designados por Deus para esse grande propósito. Quarenta anos ainda passariam antes do evento monumental de entrar na Terra Prometida e aproximadamente mais seis anos para conquistá-la e dividi-la entre as várias tribos. (Jos. 14:7, 10) Embora não os consideraremos no momento, as Escrituras registram muitos eventos significativos que ocorreram durante esse período. Ocorreram as dez pragas no Egito; a instituição da Páscoa de Israel; a travessia milagrosa do Mar Vermelho; a espionagem da Terra Prometida e os resultantes relatórios negativos; a peregrinação dos israelitas no deserto por quarenta anos; as provisões de comida e água feitas por Deus para o povo; e o estabelecimento do pacto de Israel com Deus, com suas leis e serviços religiosos. Os livros de Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio contêm muitos detalhes sobre essas e muitas outras experiências dos israelitas em sua peregrinação.

## GRANDE ANTECIPAÇÃO

A narrativa sobre a entrada dos filhos de Israel na Terra Prometida está registrada no livro de Josué. À medida que vemos esse episódio momentoso de sua história, podemos sentir um ar de entusiasmo no acampamento de Israel. A promessa feita a seu pai, Abraão, quase cinco séculos antes, estava prestes a se cumprir. Deus havia dito que daria a terra, chamada Canaã, aos descendentes de Abraão para sempre. (Gên. 12:1-7; 13:15) Antes da morte de Moisés, quando ele estava no alto do monte Pisga, olhando para Canaã, Deus esboçou a extensão da terra que deveria pertencer a Israel. (Deu. 34:1-4) Moisés não teve permissão para entrar em Canaã, mas agora, sob a liderança de Josué, os israelitas estavam acampados na fronteira daquela mesma terra.

Quarenta anos antes, os israelitas estavam no mesmo local, prestes a entrar na terra. Naquela época, apenas alguns meses depois de terem saído do Egito com “alta mão” [“triumfantemente”, *NVI*] e com cânticos de louvor a Deus em seus lábios, chegaram à fronteira de Canaã. (Êxo. 14:8; 15:1-21; 19:1; Deu. 1:2, 19, 21) No entanto, quando Moisés enviou os doze espiões para investigarem o país, apenas dois voltaram com relatos positivos. Josué e Calebe disseram: “Certamente subiremos e a possuiremos em herança; porque seguramente prevaleceremos contra ela.” “Verdadeiramente mana leite e mel.” Os outros dez espiões, porém, “infamaram a terra que tinham espiado”. “É terra que consome os seus moradores... vimos ali gigantes” (...) “e o povo chorou naquela noite.” (Núm. 13:25-33; 14:1) A expectativa deles transformou-se em

um medo tão grande que levou as pessoas a considerarem o apedrejamento de Calebe e Josué. (Núm. 14:10) A fé que tinham em Deus não era forte o suficiente para seguirem suas orientações.

Agora, no entanto, depois de quarenta anos de peregrinação no deserto, aquela geração incrédula de israelitas havia morrido, como Deus havia prometido. (vs. 22, 23) Até mesmo seu leal líder, Moisés, estava morto. Entre os daquela geração adulta que saiu do Egito, somente os dois espiões fiéis, Josué e Calebe, ainda estavam vivos. (Núm. 32:11-13) Eles ainda estavam convencidos de que Yahweh era um Deus poderoso que poderia dar-lhes a terra prometida de Canaã, que manava leite e mel.

Após a morte de Moisés, Josué foi a escolha lógica de Deus para guiar os filhos de Israel até Canaã. Ele tinha sido o fiel braço direito de Moisés, já tendo demonstrado grandes habilidades de liderança. Foi ele quem liderou Israel em sua feroz batalha contra os amalequitas e, com a ajuda do Senhor, obteve uma grande vitória. (Êxo. 17:8-14) O povo então voltou-se para Josué, confiando plenamente nele, sabendo que ele havia sido especialmente designado por Deus.

Josué, assim como Moisés, era um homem manso. Ele poderia ter se apropriado da responsabilidade e da autoridade, mas não o fez. No entanto, quando Deus confiou a ele a função que havia sido de Moisés, ele imediatamente aceitou o privilégio e agiu. O Senhor disse: “Ninguém conseguirá resistir a você, todos os dias da sua vida. Assim como estive com Moisés, estarei com você; nunca o deixarei, nunca o abandonarei. (...) Seja forte e corajoso! Não se apavore, nem se desanime, pois

o Senhor [Yahweh], o seu Deus, estará com você por onde você andar.” — Jos. 1:5, 9, *NVI*

## **O INÍCIO DA LIDERANÇA DE JOSUÉ**

Josué instruiu seus oficiais: “Percorram o acampamento e ordenem ao povo que preparem as provisões. Daqui a três dias vocês atravessarão o Jordão neste ponto para entrar e tomar posse da terra que o Senhor [Yahweh], o seu Deus, lhes dá.” (Josué 1:11, *NVI*) O povo respondeu: “Tudo o que você nos ordenar, faremos, e aonde quer que nos enviar, iremos.” (v. 16) Os tempos haviam mudado, e as pessoas também. Essa geração era muito mais confiante do que a de seus pais. Eles ansiavam pelo fim de suas peregrinações no deserto e entrar na Terra Prometida.

Dois de seus homens de confiança foram escolhidos por Josué para inspecionar secretamente a cidade de Jericó. Os espões foram orientados a procurar uma mulher chamada Raabe, que rapidamente os levou para sua casa e os escondeu. Pelas palavras de Raabe sabemos que as pessoas da cidade estavam com medo e que os líderes da cidade estavam vigiando os espões hebreus. (Jos. 2:1-7) Sua expressão de fé é demonstrada nestas palavras: “Porque Yahweh vosso Deus é Deus em cima nos céus e embaixo na terra.” (v. 11) Embora Raabe não tivesse uma boa reputação, ela foi elogiada pelo apóstolo Paulo por sua convicção. “Pela fé... acolheu bem os espões israelitas.” (Heb. 11:31, *PAST*) Sua confiança era tão forte que ela estava disposta a se colocar em perigo escondendo-os e depois ajudando-os a escapar por uma corda pela janela de sua casa, que era construída no muro da cidade.

Depois de acatarem o conselho de Raabe para se esconderem de seus perseguidores nas montanhas próximas por três dias, os espiões atravessaram o Jordão e voltaram a Josué. O relatório deles foi mais positivo. “Certamente o SENHOR [Yahweh] tem dado toda esta terra nas nossas mãos, pois até todos os moradores estão atemorizados diante de nós.” (Jos. 2:16, 22-24) Com essa informação positiva, Josué pôs em ação os planos para atravessar o rio Jordão. Depois de dar todas as instruções necessárias, ele falou ao povo: “Santifiquem-se, pois amanhã o Senhor [Yahweh] fará maravilhas entre vocês.” — Josué 3:5, *NVI*

## **A TRAVESSIA DO JORDÃO**

Do ponto de vista militar, era uma época do ano muito desfavorável para atravessar o rio Jordão, já que estavam na primavera, em fase de enchentes, quando suas margens transbordavam. Normalmente, nesse ponto ele tinha cerca de trinta metros de uma margem a outra, mas agora havia alargado muito mais. A correnteza também havia se tornado perigosamente rápida e profunda. Isso não afetou o entusiasmo dos israelitas. Enquanto acampavam naquela noite nas margens do rio e repassavam o plano para o dia seguinte, nenhuma palavra de protesto foi dita. A fé que tinham no poder e na sabedoria de Deus era forte.

Por meio de Josué, o Senhor instruiu o povo que no dia seguinte deveriam prestar atenção aos sacerdotes levitas, que iriam na frente deles, levando a Arca do Pacto do Tabernáculo. Todo o acampamento de Israel os seguiria a uma distância de cerca de 900 metros. Deus então realizaria um milagre. Assim que os pés dos

sacerdotes pisassem na água, o rio pararia de correr, e as águas ‘formariam uma muralha’. (Jos. 3:3-13, *NVI*) Os sacerdotes, carregando a Arca, deveriam parar e permanecer no meio do rio, até que todo o Israel tivesse atravessado com segurança.

Assim como Deus havia descrito a Josué, “todo o povo de Israel passou por eles e atravessou o rio com os pés enxutos”. Isso incluía “uns quarenta mil guerreiros bem armados... como forças avançadas do exército do Senhor [Yahweh].” (Josué 3:17; 4:13, *VIVA*) Qualquer que tenha sido o método usado para interromper o fluxo do perigoso rio Jordão, sabemos que foi pela poderosa mão de Deus, em favor de seu povo escolhido.

## **PEDRAS MEMORIAIS**

O Senhor instruiu Josué a selecionar um homem de cada uma das doze tribos e a ordenar a cada um que pegassem uma pedra do meio do Jordão, de onde os sacerdotes ficaram segurando a Arca, e que deixassem as doze pedras no “local onde forem passar a noite”, que foi Gilgal. “Estas pedras servirão como memorial aos filhos de Israel para sempre.” (...) E disse aos filhos de Israel: “No futuro, quando os filhos perguntarem aos seus pais: ‘Que significam essas pedras? expliquem a eles: Aqui Israel atravessou o Jordão em terra seca. Pois o Senhor [Yahweh], o seu Deus, secou o Jordão perante vocês até que o tivessem atravessado (...) para que vocês sempre temam o Senhor [Yahweh], o seu Deus.” (Jos. 4:2-7, 20-24, *NVI*) Antes dos sacerdotes deixarem sua posição no rio, Josué colocou outras “doze pedras no meio do Jordão, no local onde os sacerdotes que carregavam a

arca do pacto tinham ficado. E elas estão lá até hoje”. — v. 9

“Quando os sacerdotes que carregavam a arca do pacto do Senhor [Yahweh] saíram do Jordão, mal tinham posto os pés em terra seca, as águas do Jordão voltaram ao seu lugar, e cobriram como antes as suas margens.” (v. 18) Os reis dos amorreus e cananeus souberam que Deus havia “secado o Jordão diante dos israelitas”. E, visto que a inundação do rio não mais seria uma forma de proteção para eles, “desanimaram-se e perderam a coragem de enfrentar os israelitas”. — Jos. 5:1, *NVI*

Em Gilgal, onde as pedras memoriais haviam sido colocadas de acordo com as instruções de Deus, Israel montou acampamento na terra prometida pela primeira vez. Quatro dias depois de atravessarem o Jordão, “na planície de Jericó, os israelitas celebraram a Páscoa. No dia seguinte ao da Páscoa, nesse mesmo dia, eles comeram pães sem fermento e grãos de trigo tostados, produtos daquela terra. Um dia depois de comerem do produto da terra, o maná cessou. Já não havia maná para os israelitas, e naquele mesmo ano eles comeram do fruto da terra de Canaã”. — Jos. 5:10-12

## **REPRESENTAÇÕES DE COISAS FUTURAS**

Há muitas representações e lições valiosas nesse emocionante relato da entrada na terra de Canaã. Aprendemos que a fé é recompensada quando observamos o caso de Raabe. Vemos como Deus defendeu Israel quando eles confiaram nele e lhes deu força para superar os grandes obstáculos que encontraram ao entrar e conquistar a terra.

Paulo extraiu impressionantes lições do fato de que os israelitas infiéis que originalmente deixaram o Egito não foram autorizados a entrar na terra. Nesse contexto, ele declarou: “Jurei na minha ira: Jamais entrarão no meu descanso. (...) Quem foram os que ouviram e se rebelaram? Não foram todos os que Moisés tirou do Egito? Contra quem Deus esteve irado durante quarenta anos? Não foi contra aqueles que pecaram, cujos corpos caíram no deserto? E a quem jurou que nunca haveriam de entrar no seu descanso? Não foi àqueles que foram desobedientes? Vemos, assim, que foi por causa da incredulidade que não puderam entrar.” (Heb. 3:11, 16-19, *NVI*) Essas palavras nos advertem a colocar nossa forte e fiel confiança em nosso Deus que nunca abandonará aqueles que confiam nele.

As Escrituras também retratam essa experiência de Israel de outra maneira prefigurativa. Somos informados de que Deus descansou no sétimo dia criativo daquela fase de sua obra. Era um dia que veria os passos finais para a conclusão de seus propósitos para com a Terra e a humanidade. (Gên. 2:1-3) O homem, em sua perfeição original, foi comissionado a ajudar nesse trabalho. “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai... sobre todo o animal que se move sobre a terra.” (Gên. 1:28) Depois da queda de Adão, porém, o homem perdeu seu domínio. Ele não foi capaz de subjugar a terra e foi incapaz de enchê-la com descendentes que possuíam o direito à vida. A terrível experiência da humanidade no “deserto” começou quando Adão demonstrou sua falta de fé em Deus, e, em vez disso, acreditou na mentira de Satanás.

Josué é o equivalente hebraico do nome “Jesus”, e significa “Yahweh é salvação”. Com isso em mente, a nação de Israel representa bem o mundo da humanidade, perdido e vagando no deserto do pecado, da doença e da morte. “Sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora.” (Rom. 8:22) É impossível para o povo, que tem esperado por uma solução por seis mil anos com dor e expectativa, atravessar o rio Jordão sem a ajuda da mão poderosa de Deus. O nome Jordão significa “descer”, e é uma representação apropriada da condenação divina, a sentença de morte proferida contra Adão e transmitida hereditariamente para sua descendência. Contudo, o plano de salvação de Deus, centrado em seu Filho, Jesus, forneceu os meios pelos quais a humanidade, no devido tempo, atravessará esse rio simbólico e entrará na terra prometida de descanso. - Rom. 5:17-19; 1 Cor. 15:21, 22

## **A ARCA DO PACTO**

A Arca do Pacto, que ficou no meio do rio enquanto os israelitas atravessavam, era um símbolo do favor de Deus para com eles. Em seu significado mais completo, representa apropriadamente o futuro favor de Deus para com o mundo inteiro por meio de Cristo. As águas do Jordão, representando a sentença de morte, secaram-se quando a Arca, levada pelos sacerdotes, entrou no rio. A Arca representa tanto a morte como a ressurreição de Jesus, pela qual vem o cancelamento da sentença de morte para que a terra prometida de bênçãos e descanso possa ser alcançada pela humanidade. A palavra de Deus afirma que “todas as nações” serão

abençoadas através da “semente de Abraão, que é Cristo”. — Gál. 3: 8, 16

Também é significativo que a Arca tenha sido carregada pelos sacerdotes e que estes tenham passado pelo Jordão antes que qualquer um do povo pudesse atravessar. Estarem de pé, no meio do rio, ilustra o papel essencial desempenhado pelo grande sumo sacerdote e seus sacerdotes associados em libertar o povo da condenação. Jesus morreu pelos pecados do mundo, parando simbolicamente no meio do Jordão, para que o mundo tivesse a oportunidade de passar. (João 1:29) Os subsacerdotes, seguidores dos passos de Cristo, também param ali. Eles sacrificam sua vida para que na próxima era possam participar na obra de ajudar o mundo a sair da terrível maldição da morte.

Não era necessário que os sacerdotes permanecessem no meio do rio Jordão para completar a prefiguração. Doze pedras foram colocadas exatamente onde os sacerdotes estavam. Essas pedras ilustram bem o “pequeno rebanho” de fiéis que foram chamados de cada “povo e nação”, e preparados para agirem como “reis e sacerdotes”. Eles, tendo Cristo como cabeça, reinarão sobre a Terra como o “sacerdócio real” de Deus em seu reino vindouro. (Lucas 12:32; Apo. 5:9, 10; 1 Ped. 2:9) Esses seguidores do Mestre tornam-se ‘mortos com Cristo’ de acordo com a carne. (Rom. 6:8) Eles não atravessam o Jordão, mas permanecem em seu meio, como as pedras que “estão lá até hoje”. (Jos. 4:9) Eles desistem de sua herança na terra de Canaã para buscarem o chamado celestial para a natureza divina, para que possam fazer parte da classe sacerdotal na era vindoura de bênçãos para a humanidade.

## A DESTRUIÇÃO DE JERICÓ

Depois que Israel atravessou o Jordão, um obstáculo formidável ainda estava diante deles. Era a cidade fortificada de Jericó. Com seus altos muros, parecia uma poderosa fortaleza que bloqueava o caminho para a posse da terra. Josué contemplou a situação, talvez procurando encontrar algum ponto fraco que pudesse usar a seu favor como meio de obter acesso à cidade e batalhar contra ela. A narrativa afirma que, quando Josué viu Jericó, “levantou os seus olhos e olhou; e eis que se pôs em pé diante dele um homem que tinha na mão uma espada nua; e chegou-se Josué a ele, e disse-lhe: És tu dos nossos, ou dos nossos inimigos? E disse ele: Não, mas venho agora como príncipe do exército de Yahweh. Então Josué se prostrou com o seu rosto em terra e o adorou, e disse-lhe: Que diz meu senhor ao seu servo? Então disse o príncipe do exército de Yahweh a Josué: Descalça os sapatos de teus pés, porque o lugar em que estás é santo. E fez Josué assim.” — Jos. 5:13-15

Esse poderoso anjo disse então a Josué que Deus lhes daria a vitória sobre Jericó por meios incomuns, não por qualquer estratégia militar convencional. Seria um método que testaria a fé de todos no acampamento de Israel. Em vez de usarem seus exércitos para abrir uma brecha e destruir o muro, o anjo disse que usariam novamente a Arca do Pacto. O exército de Israel deveria marchar pela cidade uma vez por dia durante seis dias, com sete sacerdotes carregando a Arca e tocando trombetas. O exército deveria passar na frente dos sacerdotes, após o que a Arca ia atrás deles, com os sacerdotes continuando a soprar suas trombetas. Esse era

o único som que deveria ser ouvido até o sétimo dia, quando Josué daria o sinal para o povo gritar. — Jos. 6:1-10

Isso não deve ter parecido nada eficaz! Do ponto de vista humano, era muito duvidoso que essa abordagem fosse bem-sucedida. No entanto, quem poderia duvidar do poder grandioso que havia domado a força traiçoeira do Jordão? Os israelitas estavam prontos para ouvir a Deus e seguir suas instruções. Na madrugada do sétimo dia, eles foram instruídos a andarem ao redor da cidade como antes, mas nesse dia eles deveriam circundá-la sete vezes. “Na sétima vez, quando os sacerdotes deram o toque de trombeta, Josué ordenou ao povo: “Gritem! O Senhor [Yahweh] lhes entregou a cidade!” Quando fizeram isso, “o muro caiu”. — Jos. 6:15-20, *NVI*

## **A VITÓRIA FINAL SOBRE O PECADO E SATANÁS**

A destruição da cidade de Jericó é uma ilustração notável da vitória final sobre o pecado e Satanás. Todo o mundo da humanidade, por ter sido ressuscitado do sono da morte, terá sido libertado da sentença judicial da morte. Eles terão atravessado o Jordão. Até mesmo colocarão os pés na Terra Prometida. Não estarão mais vagando sem rumo no deserto do pecado e da morte, sob o domínio de Satanás.

No entanto, diante da humanidade estará a sua Jericó, erguendo-se como uma poderosa barreira contra a sua eterna habitação e usufruto da Terra. É a grande fortaleza do pecado que deverá ser superada. Os muitos vestígios de imperfeição no caráter do homem,

adquiridos durante o presente reinado do pecado e da morte, precisarão ser combatidos e vencidos. Assim como o grande poder de Deus estava disponível para os israelitas quando eles, com fé, lutaram contra o inimigo, assim também, por meio da fé, cada indivíduo receberá toda a ajuda de que precisa no reino. Será pela força de Deus que eles também serão vitoriosos. — Apo. 21:3-7

O apóstolo Paulo diz: “Pela fé caíram os muros de Jericó.” (Heb. 11:30) O mundo da humanidade estará pronto para seguir as instruções de seu libertador, o Josué deles, Cristo e sua igreja. O povo cercará a Jericó deles e a destruirá com um grito de júbilo: “Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o poder, para todo o sempre!” (Ap. 5:13) Os israelitas, sob Josué, entraram no plano de Deus de todo o coração e entusiasticamente, apesar do fato de que parecia um método estranho, até mesmo tolo, de se conquistar uma cidade! Então, do mesmo modo entusiástico, quando o “monte da casa de Yahweh” for estabelecido, “irão [a ele] muitos povos, e dirão: Vinde, subamos ao monte de Yahweh, (...) para que nos ensine os seus caminhos, e andemos nas suas veredas.” — Isa. 2:2-5

As pessoas reconhecerão e seguirão a presença de Deus conforme representada pela Arca do Pacto, em o Cristo, que os governará em retidão. A trombeta da verdade será anunciada pelo sacerdócio daquela era, e a humanidade, desejosa de entrar plenamente na terra, gritará de alegria. Nenhuma sombra do pecado existirá quando a obra do reino for terminada, pois o povo disposto e obediente terá destruído cada vestígio dele em seu caráter. (Apo. 21:24-27) A alta muralha do pecado e

do mal desmoronará com essa grande ofensiva. Ela havia sido mantida em segurança por Satanás por mais de seis mil anos, mas em um tempo comparativamente curto — apenas mil anos — Deus fará com que seja totalmente destruída, para nunca mais ser erguida. A cooperação entre Deus, Cristo e sua igreja, e a humanidade, fará com que esse reino de justiça seja eternamente bem-sucedido.

Que todos nós, por crescermos na fé e na confiança, por mantermos nossa esperança acesa, e por continuarmos a fazer esforços sérios para aprender a justiça e subjugar o pecado em nosso coração circuncidado, estejamos preparados para marchar ao redor de Jericó quais futuros trombeteiros sacerdotais. Carregaremos a Arca do Pacto, e as muralhas de Jericó cairão. Toda a humanidade, então, dará honra, louvor e glória a Deus. A resposta para o título de nosso artigo será um retumbante “sim!” O homem, de fato, não apenas alcançará, mas também viverá eternamente na Terra Prometida, uma Terra perfeita. Assim, os desejos e esperanças tão bem expressos por Martin Luther King Jr., cinquenta anos atrás, que têm ecoando no coração de milhões de pessoas antes e depois dele, serão satisfeitos, para a honra e a glória de Deus, nosso Pai Celestial. — Tim. 1:17

# A parábola do servo não perdoador

***Versículo-chave:*** “*Você não devia ter tido misericórdia do seu conservo como eu tive de você?*”  
— *Mateus 18:33*

***Versículos selecionados:***  
*Mateus 18:21-35*

**NESSA PARTE** do discurso de Jesus sobre os pecados e ofensas, ele volta sua atenção para a nossa responsabilidade de perdoar os erros cometidos contra nós, especialmente os cometidos por nossos irmãos. Pedro perguntou sobre esse assunto: “Senhor, quantas vezes deverei perdoar a meu irmão quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?” — Mat.18:21

Pedro parece ter entendido que ele tinha que perdoar. Jesus já havia ensinado seus discípulos sobre isso por ocasião da oração-modelo, e eles evidentemente não haviam esquecido. (Mat. 6:14, 15) Pedro também sabia, por meio do significado da palavra, bem como do exemplo diário que viu no Mestre, que o verdadeiro perdão significava não guardar rancor contra o próximo, nem buscar vingança. Em vez disso, subentendia fazer apenas o bem e esquecer a ofensa.

Pedro, no entanto, tinha uma compreensão limitada do alcance total do perdão. Em sua pergunta, ele

demonstrou acreditar que alguém que pecasse contra ele só seria perdoado um certo número de vezes, sugerindo sete como um número apropriado. Ele supôs que, se um irmão o tivesse injustiçado mais de sete vezes, ele não seria digno de perdão. Ele poderia então, justificadamente, não ter mais nada que ver com tal pessoa e deixar de se associar com ela. Talvez Pedro tenha pensado em Provérbios 24:16, que afirma: “Pois ainda que o justo caia sete vezes, tornará a erguer-se, mas os ímpios são arrastados pela calamidade.” Ele também pode ter se lembrado da profecia de Amós, que, em várias ocasiões, mencionou “três transgressões” e “quatro transgressões” que Deus não deixaria passar, supondo que isso significasse uma limitação rigorosa quanto ao perdão de Deus. — Amós 2:1, 4, 6

Jesus respondeu à pergunta de Pedro, dizendo: “Eu lhe digo: não até sete, mas até setenta vezes sete.” Aqui o Mestre expressou um número exagerado para dar a ideia de um número indefinido, pois ninguém iria literalmente ficar contando 490 [70 x 7] pecados cometidos contra ele por um irmão. Na verdade, não é apropriado que mantenhamos qualquer contagem de ofensas feitas contra nós por outros. Deus é o juiz, e qualquer retribuição ou castigo cabe a ele, não a nós, dar. (Deu. 32:35, 36) Mais importante, porém, é o fato de que Deus é muito misericordioso. Ele multiplica seus perdões e é cheio de compaixão. (Sal. 78:38, 39) Assim, somos ensinados a fazer do perdão nossa prática constante, fazendo com que a nossa resposta habitual seja a misericórdia, assim como no caso de Deus.

Após sua resposta a Pedro, Jesus contou uma parábola para mostrar a necessidade de perdoar os erros

cometidos contra nós. Na parábola, um servo tem uma grande dívida para com o seu senhor perdoada. No entanto, o mesmo servo não está disposto a perdoar uma quantia muito pequena que um conservo lhe deve. Quando o senhor descobre isso, fica muito zangado com seu servo e exige que ele faça o pagamento integral de sua grande dívida, visto que não demonstrou compaixão por seu conservo que lhe devia apenas uma pequena quantia. — Mat. 18:23-34

Para os seguidores de Jesus, a lição da parábola é clara. Deus perdoou os nossos pecados adâmicos por meio da obra redentora de Cristo. (Efé. 1:3, 7) Nós recebemos um grande perdão. Assim, os pecados cometidos contra nós por nossos irmãos, que também foram perdoados por Deus, devem provocar em nós uma resposta semelhante de compaixão e misericórdia. Somente assim podemos cumprir aquilo que nos é exigido, “praticar a justiça, amar a misericórdia e andar humildemente com o nosso Deus”. — Miq. 6:8

# Jesus critica os líderes injustos

**Versículo-chave:** “Então, Jesus disse à multidão e aos seus discípulos: “Os mestres da lei e os fariseus se assentam na cadeira de Moisés. Obedeçam-lhes e façam tudo o que eles lhes dizem. Mas não façam o que eles fazem, pois não praticam o que pregam.”

— Mateus 23:1-3

**Versículos selecionados:**  
*Mateus 23:1-4, 23-26*

**JESUS** reconheceu que os escribas e fariseus de seu tempo ocupavam a posição de instrutores religiosos dos judeus, embora frequentemente os tenha censurado como hipócritas que enganavam o povo. Os fariseus eram os principais mestres e intérpretes da Lei mosaica, ao passo que os escribas eram os que escreviam ou registravam os seus muitos detalhes. Assim, esses dois grupos eram vistos como os principais expositores das ordens e instruções de Deus. O próprio Jesus afirmou que “na cadeira de Moisés estão assentados os escribas e fariseus”. — Mateus 23:2, *ACF*

Na capacidade de escritores, instrutores públicos e expositores da Lei mosaica, os escribas e os fariseus eram obrigados a ter conhecimento de seus muitos princípios e exigências, a fim de que pudessem cumprir adequadamente suas responsabilidades especiais para com o povo. Eles eram, em certo sentido, como

guardiões da Lei e da vinha do Senhor, Israel. Em seus dias, Moisés havia cumprido o papel de mediador do pacto entre Deus e Israel. Os escribas e fariseus dos dias de Jesus, em muitos aspectos, eram considerados como que ocupando uma posição semelhante de privilégio e responsabilidade.

A História nos ensina que posições honrosas podem ser preenchidas por indivíduos desonrosos. Assim, não era novidade quando alguém de caráter vil era exaltado a altos cargos em Israel. (Sal. 12:8) Entre seus reis, sacerdotes e outros líderes nos tempos do Antigo Testamento, muitos eram injustos e faziam o que era mau aos olhos de Yahweh, em vez de seguirem o exemplo de mansidão e fidelidade demonstrado por Moisés. Os líderes de Israel haviam se tornado tão corruptos e degenerados que era o momento para outro grande profeta surgir, assim como Moisés, e que daria os passos necessários para erigir outro “assento” para administrar a lei de Deus em retidão. Esse “grande profeta” foi Jesus Cristo, que, em seu primeiro advento, iniciou esse trabalho tão importante como representante escolhido de Deus. — Deu. 18:15-19; Atos 3:22, 23

Jesus disse aos fariseus que a Lei se resumia em dois mandamentos: primeiro, amar ao Senhor, teu Deus, de todo o coração, alma e mente, e, em segundo lugar, amar o próximo como a si mesmo. (Mat. 22:37-40; Deu. 6:5; Lev. 19:18) Nos versículos de nossa lição, Jesus diz aos fariseus que eles omitiram esses “assuntos mais importantes da lei”. Em vez disso, eles eram ótimos para se apegarem a detalhes minuciosos, comparativamente falando, e de muito menor importância. Como exemplo disso, Jesus salientou que eles pagavam fielmente

dízimos da menor semente, “da hortelã, do endro e do cominho”, como uma demonstração externa para o povo. — Mat. 23:23

Para expor ainda mais a hipocrisia e a injustiça dos escribas e fariseus, o Senhor disse que eles eram “guias cegos” do povo, ‘que coavam um mosquito e engoliam um camelo’. Além disso, exteriormente, eles tinham o cuidado de “limpar” sua aparência para os outros, ainda que interiormente estivessem cheios de “ganância e cobiça”. — vs. 24, 25

Como seguidores dos passos de Cristo, devemos diariamente procurar colocar em prática essas lições vitais do Mestre. Lembremo-nos de que o amor supremo a Deus e ao nosso “próximo” é muito mais importante do que a doação de dízimos. Devemos também entender plenamente que a purificação de nosso coração e mente é uma obra muito mais essencial do que a purificação de nossa carne. — Rom. 2:28, 29; Fil. 2:5; 4:8, 9

# A viúva e o juiz injusto

**Versículo-chave:** “*Acaso Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele dia e noite? Continuará fazendo-os esperar?*”  
— **Lucas 18:7**

**Versículos selecionados:**  
**Lucas 18:1-8**

NA LIÇÃO de hoje, encontramos Jesus contando outra parábola, onde uma viúva havia sofrido injustiças por parte de um “adversário”. Ela foi a um juiz em sua cidade e lhe implorou para que fizesse justiça relacionada com a pessoa que lhe havia causado sofrimento. Visto que ela não era rica e não podia suborná-lo, seus repetidos apelos ao juiz foram ignorados. (Lucas 18:2-4, *NVI*) Não é de surpreender que o Senhor o tenha chamado de “juiz injusto”. — v. 6

O juiz injusto ‘não temia a Deus e nem se importava com os homens’, e, por isso, fazia pouco caso dos princípios da justiça e não demonstrava consideração pelas dificuldades do próximo. Assim, ele não se importou com a queixa da viúva. Por questão de conveniência própria — visto que ela o estava incomodando com sua grande insistência — o juiz finalmente resolveu fazer a justiça que ela pedira. (vs. 4, 5) Embora ele pouco se importasse com a situação da mulher, a persistência dela ilustrou o que Jesus queria enfatizar na parábola.

Ao olharmos para a lição da parábola, Jesus não quis comparar o juiz injusto a Deus, mas sim contrastar os dois. Se um juiz injusto pode ser levado a agir pela

persistência de um indivíduo em pedir justiça, quanto mais um juiz justo. Deus é um Pai Celestial justo e amoroso. Se, em nossa vida, surgir uma questão preocupante que, na nossa opinião, exija orações fervorosas e repetidas, e a resposta não for dada rapidamente, não devemos concluir que Deus está nos ignorando. Como um Deus amoroso, podemos confiar plenamente em sua sabedoria e poder com respeito às nossas petições e na sua orientação em todos os nossos caminhos. — Prov. 2:6-8; 3: 6

No versículo introdutório de nossa lição, Jesus diz que o homem tem “o dever de orar sempre, e nunca desfalecer”. (Lucas 18:1) Isso significa que a presença contínua do Pai Celestial e de seu Filho está sempre disponível para nós. Seu cuidado e interesse estão constantemente conosco, e, a qualquer momento, podemos buscar sua atenção especial por meio da oração.

A oração correta requer atenção cuidadosa à Palavra do Senhor. Ao pedir de acordo com essa Palavra, pela fé, podemos ter confiança nos resultados. Devemos vigiar, orar, esperar com paciência e estar ainda mais atentos às respostas de nosso Pai Celestial. Por seguirmos esses passos em relação às orações, além de elas serem ouvidas, as respostas do Senhor nunca nos decepcionarão, pois as consideraremos uma indicação de sua vontade.

Devemos reconhecer a diferença entre buscar repetidamente a Deus em fervorosa oração e as “vãs repetições” de alguns. Jesus condenou essas orações porque elas não são feitas com a humildade e mansidão de um coração devidamente motivado. — Mat. 6:7

Conforme declarado em nosso versículo-chave, quando seus “escolhidos” clamarem a ele com fé, nosso Pai Celestial com certeza ouvirá e atenderá suas orações. Embora ele tenha permitido que eles, às vezes, sejam difamados, caluniados e falsamente representados, ele os concederá, se forem fieis, “glória, honra e imortalidade”. (Rom. 2:7) A humanidade também, em breve, verá a resposta a sua tão repetida oração: “Venha o teu reino. Seja feita a vossa vontade na terra.” (Mat. 6:10) Por todas essas respostas às nossas orações, damos louvor e honra a nosso amoroso Pai Celestial.

# A entrada no Reino de Deus

**Versículo-chave:**  
**“Esforcem-se para entrar pela porta estreita, porque eu lhes digo que muitos tentarão entrar e não conseguirão.”**  
— **Lucas 13:24, NVI**

**Versículos selecionados:**  
**Lucas 13:22-30**

**NO VERSÍCULO-CHAVE** de nossa lição, a palavra “esforçar-se” significa lutar com grande esforço. É bastante louvável quando alguém leva uma vida de boa moral, moderação e responsabilidade. No entanto, o caminho no qual um cristão é convidado a andar durante a presente Era Evangélica requer um

esforço e diligência muito maiores. Esse convite é seguir os passos de nosso Senhor e buscar “glória, honra e imortalidade”, visando a participação no reino celestial como reis e sacerdotes com nossa Cabeça, Cristo Jesus. — Rom. 2:7; Lucas 12:32; Apo. 5:10; 20:6

A entrada nesse relacionamento especial com Deus é descrita como uma porta “estreita”. O caminho, após essa porta, é similarmente chamado de caminho “apertado”. (Mat. 7:14, NVI) É um modo de completa consagração a Deus, de abnegação e de sacrifício em favor dos outros. (Mat. 16:24; Rom. 12: 1) Os que andam nesse caminho estreito o fazem em resposta ao chamado ou convite de Deus para serem coerdeiros de Cristo como sua noiva. (Efé. 1:18; Rom.

8:16, 17; 2 Cor. 11:2) Paulo, ao falar de sua própria vida de consagração, disse: “Prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.” — Flp. 3:14

Quão diferente é a porta estreita e o caminho apertado, quando comparados ao caminho de muitos que alegam levar o nome de Cristo, mas cujas atitudes frequentemente pouco diferem do espírito do mundo. De fato, a maioria acha que o zelo de alguém que se esforça, luta, corre e vigia, é extremismo e tolice. Os ricos, os famosos e os que estão envolvidos nas ambições deste mundo estão contentes com as recompensas materiais desta vida e dificilmente as deixarão por coisas que não satisfazem esses desejos terrenos. Jesus disse: “Eu te louvo, Pai... porque escondeste estas coisas dos sábios e cultos, e as revelaste aos pequeninos.” — Mat. 11:25

Deus está no processo de completar uma “obra maravilhosa” com respeito ao chamado e seleção de uma noiva para seu Filho. Essa obra não resulta do espírito do mundo, da “sabedoria dos seus sábios”, nem do “entendimento dos seus prudentes”. (Isa. 29:14) O apóstolo Tiago fala do propósito de Deus de tirar do mundo “um povo para o seu nome”. (Atos 15:14) Esses procuram “entrar” no reino celestial. Seu caminho, no entanto, torna-se apertado pelas circunstâncias do tempo presente e pela oposição do espírito do mundo à verdade e à retidão. Assim, a exortação a tais é “procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição”. — 2 Ped. 1:10

Quais discípulos que se esforçam para andar no caminho apertado, pelo Espírito Santo de Deus temos o privilégio de conhecer o “mistério da sua vontade”. (Efé.

1:9) Nossa mente torna-se aberta para os planos e propósitos do Pai Celestial, e, assim, podemos ter alegria em oferecer nossa vida em sacrifício e em serviço ao Senhor e à sua causa. — João 15: 12,13; 1 João 3:16; 4: 7-11

A porta estreita e o caminho apertado do tempo presente são apenas para aqueles a quem Deus chamou. No entanto, quando esse “pequeno rebanho” estiver completo como “coerdeiros” de Cristo no reino milenar, outro caminho será aberto para toda a humanidade. Não será um caminho apertado, que poucos podem encontrar, mas um “Caminho de Santidade”, com as pedras de tropeço do pecado e da tentação removidas. Todas as pessoas, “os resgatados de Yahweh”, serão convidados a caminhar nele com “júbilo e alegria”. — Isa. 35:8-10, *NVI*

# A parábola do grande banquete

***Versículo-chave:*** “*E disse o senhor ao servo: Sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar, para que a minha casa se encha.*”  
— *Lucas 14:23*

***Versículos selecionados:***  
*Lucas 14:16-24*

NESTA parábola de Jesus, um chefe de família preparou um grande banquete e convidou muitas pessoas para usufruírem das dádivas que ele tão generosamente havia preparado. Quando o banquete ficou pronto, enviou seu servo para trazer os convidados. No entanto, todos os que haviam sido convidados deram uma desculpa para não estarem presentes. (Lucas 14:16-20) Quando o servo relatou isso ao seu senhor, ele ficou irado e enviou seu servo novamente com a comissão de convidar outras pessoas para a festa. Tendo feito isso, o servo retornou e disse: “O que o senhor ordenou foi feito, e ainda há lugar.” — vs. 22, 23, *NVI*

O banquete descrito por Jesus nessa parábola representa o banquete espiritual da atual Era Evangélica. Não é para todas as pessoas, porque “muitos são chamados”, ou convidados, mas “poucos são escolhidos”. Isto é, poucos aceitam os termos do chamado de Deus e dedicam totalmente sua vida a fazer a sua vontade, e a seguirem os passos de Jesus, os passos

de sacrifício e serviço. Assim, eles se afastam do banquete na mesa espiritual do Senhor. (Mat. 22:14) Os primeiros convidados para esse banquete espiritual foram a nação judaica e, em especial, seus líderes religiosos: aqueles que se sentavam na “cadeira de Moisés”. (Mat. 23:2) No entanto, em vez de aceitarem o chamado de Jesus, de deixarem de estar em união com Moisés para estarem em união com Cristo — o profeta maior do que Moisés — os líderes religiosos “zombaram dele”, e a nação como um todo o rejeitou, segundo somos informados. — Lucas 16:14; 20:17; Isaías 53:3

Em nosso versículo-chave, o servo da parábola recebe a ordem para sair e “forçar” aqueles a quem ele chamaria nos “caminhos e valados” para irem ao banquete de seu senhor. A palavra traduzida por “forçar” significa mais precisamente compelir, implorar ou exortar. O Senhor nunca força, no sentido de impor a aceitação de seus favores. No entanto, ele compele pelo seu amor, sua graça e as promessas dadas aos que amam a justiça. (2 Cor. 5:14, 15) A vontade de Deus era que sua “casa espiritual” ficasse cheia. Assim, depois de dar aos judeus oportunidade suficiente, os apóstolos do Senhor foram comissionados a buscarem os gentios, começando pela conversão de Cornélio. Desde então, o convite para o banquete do Evangelho tem estado aberto a todos, sem distinção. “Não há judeu nem grego, não há nem laço nem liberdade, nem macho nem fêmea, porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” — Gál. 3:28

Quando aceitamos o convite de Deus, é colocada diante de nós uma mesa com abundante alimento espiritual. Há alimento para satisfazer todo anseio e fome espiritual, mais do que possamos pedir ou

conceber. É um banquete de alegrias e prazeres na presença do Senhor e na obra de seu plano de abençoar toda a humanidade. Participar nesse banquete envolve abandonar anteriores esperanças, objetivos e empenhos mundanos. Na proporção em que as coisas terrenas são abandonadas, e de acordo com nossa fome de justiça, podemos nos banquetear amplamente. (Sal. 147:14; Mat. 5:6) “Provem, e vejam como o Senhor [Yahweh] é bom. Como é feliz o homem que nele se refugia!” — Salmo 34:8, *NVI*

Deus, em sua presciência, determinou um número fixo para constituir a igreja de Cristo, aqueles cujos nomes serão “escritos nos céus”. (Apo. 7:4; Lucas 10:20) Quando o número dos eleitos estiver completo, a casa espiritual do Senhor finalmente estará completa. Então, o restante da humanidade será elevado e abençoado, para que possam encher a casa terrena de Deus.

## VIDA E DOCTRINA CRISTÃ

# A conclusão da terceira viagem de Paulo

### A BUSCA PELO POVO DE DEUS — PARTE 10

*“Pois não deixei de proclamar-lhes toda a vontade de Deus.” — Atos 20:27*

**QUANDO PAULO** deixou a Macedônia pela última vez, ele navegou para Trôade, na costa noroeste da Ásia Menor, juntando-se a um grupo de pessoas que já havia viajado para essa cidade. Ele ficou lá por sete dias. (Atos 20:5, 6, *NVI*) No último dia de sua visita, que era o “primeiro dia da semana”, os irmãos em Trôade reuniram-se à noite, como aparentemente era costume deles, para “partir o pão”. (v. 7) Esse partir do pão não era uma ordem da igreja, mas simplesmente um costume que algumas das eclesias da Igreja Primitiva tinham para comemorar a ressurreição de Jesus no primeiro dia da semana. — João 20:1, 19

Nesse meio tempo, os companheiros de Paulo partiram para a próxima parada, Assos. Após seu encontro com os irmãos de Trôade, Paulo viajou a pé até Assos para se encontrar novamente com seus companheiros de viagem. (Atos 20:13, 14) Não podemos afirmar exatamente o motivo pelo qual esse encontro final com os irmãos em Trôade era tão importante para Paulo. Embora o assunto de sua mensagem aos irmãos não tenha sido revelado, o apóstolo deve tê-lo

considerado vital, visto que ele pregou durante toda a noite. — vs. 7, 11

Também foi lá que um jovem chamado Êutico adormeceu sentado em uma janela enquanto Paulo estava pregando. Ele caiu de uma altura de três andares e foi tido como morto. Paulo reanimou o jovem, assegurando aos irmãos que ele ficaria bem, e todos se sentiram muito consolados. O apóstolo continuou com seu sermão até o amanhecer. — vs. 9-12

Como observado anteriormente, a Bíblia não menciona o tema do sermão de Paulo. Sabemos que em Corinto, para onde ele havia viajado anteriormente, haviam alguns na congregação que não acreditavam na ressurreição dos mortos. (1 Cor. 15:12) É possível que alguns dos irmãos em Trôade tenham sido afetados por esse veneno de incredulidade, e que Paulo tenha usado essa oportunidade, ao estarem reunidos para comemorar a ressurreição de Jesus no primeiro dia da semana, para ajudar os que talvez tivessem dúvidas. Se esse for o caso, basta lermos o capítulo 15 de 1 Coríntios para conhecermos alguns dos pontos vitais da verdade que o grande apóstolo, naquela noite, pode ter apresentado à eclésia em Trôade.

Qualquer que tenha sido o caso, Paulo considerou o assunto suficientemente importante para permanecer aquela noite em Trôade e servir os irmãos, e para justificar sua caminhada de mais de trinta quilômetros no dia seguinte por estradas rochosas e empoeiradas a fim de se juntar a seus companheiros em Assos. Tal era o inabalável espírito de amor e devoção que operava nesse homem de Deus, esse grande apóstolo para os gentios. Visto que pregou a noite toda, é possível

que não tenha dormido. Podemos imaginar o apóstolo caminhando com dificuldade ao longo desses trinta longos quilômetros, física e mentalmente cansado, mas regozijando-se de coração ao recordar as bênçãos que havia desfrutado com os de semelhante preciosa fé em Trôade.

## **O ENCONTRO COM OS ANCIÃOS DE ÉFESO**

O destino final dessa viagem de Paulo era Jerusalém, e ele desejava chegar lá antes do dia de Pentecostes. (Atos 20:16) Ele sabia que não teria tempo se visitasse todas as eclesias na Ásia Menor, mas queria se encontrar novamente com os anciãos da igreja de Éfeso e usufruir de seu companheirismo cristão. De Assos, onde se juntou a seus companheiros, o navio partiu fazendo algumas paradas menores até chegar a Mileto, que ficava a quase cinquenta quilômetros ao sul de Éfeso. Dali, Paulo enviou mensageiros convidando os anciãos de Éfeso a fazerem a jornada de um dia a Mileto para encontrá-lo, e eles fizeram isso. — v. 17

O fato de os anciãos terem feito esse esforço para ver o apóstolo revela a grande confiança que tinham nele, bem como o caloroso amor que sentiam. Um motivo pelo qual Paulo estava ansioso para ver esses irmãos é revelado no que ele disse para eles: “Agora, compelido pelo Espírito, estou indo para Jerusalém, sem saber o que me acontecerá ali, senão que, em todas as cidades, o Espírito Santo me avisa que prisões e sofrimentos me esperam.” — vs. 22, 23, *NVI*

Quando Paulo disse que não sabia o que o esperava, ele parecia ter a certeza de que, independentemente do que fosse, ele não poderia visitar

novamente os irmãos em Éfeso. Assim, ele disse àqueles anciãos que eles não veriam mais o seu rosto. (v. 25) Com essa sombra de incerteza relacionada com sua vida humana, o apóstolo proferiu sua mensagem de despedida aos anciãos efésios. Muitos, naquela ocasião, ficaram perturbados a ponto de não pensarem em mais nada que não fosse suas futuras aflições. Paulo, no entanto, testemunhou: “Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão-somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do evangelho da graça de Deus.” — v. 24

Paulo havia dedicado sua vida ao serviço do Senhor e da verdade. Desde o momento em que teve a grande visão da verdade na estrada para Damasco, nunca tentou poupar suas forças nem salvar sua vida quando tinha claramente a oportunidade de fazer isso. Ele sabia que, por testemunhar aos judeus em suas sinagogas, mais cedo ou mais tarde eles lhe causariam oposição, mas mesmo assim ele não hesitou em continuar a pregar. O fato de que o ministério de Paulo relacionado com o evangelho poderia lhe custar sofrimento e, talvez, a morte, nunca foi usado por ele como desculpa para deixar de servir a seu Pai Celestial.

Não seria diferente agora. Alguém menos fervoroso e abnegado talvez raciocinasse que, visto que o Espírito Santo estava dando testemunho sobre o problema que ele encontraria ao chegar em Jerusalém, o Senhor estava avisando para não ir até lá. Paulo, no entanto, não interpretou o aviso do Espírito Santo dessa maneira. Por razões que as Escrituras não revelam, Paulo estava convencido de que era a vontade do Senhor que

ele fosse a Jerusalém. À luz dessa convicção, ele interpretou o testemunho do Espírito Santo como um teste de sua fé e lealdade, bem como da disposição de morrer pelo Senhor Jesus.

Na mensagem de despedida de Paulo aos anciãos em Éfeso, ele disse que ‘não deixou de pregar-lhes nada que fosse proveitoso’, mas os havia ensinado tudo publicamente e em seus lares para seu crescimento espiritual. (v. 20) De fato, como declarado em nosso texto de abertura, ele não reteve nada, mas declarou a eles “toda a vontade de Deus”. Paulo não estava satisfeito simplesmente em dizer aos seus ouvintes que através da crença em Cristo eles poderiam ser salvos. Por exemplo, lembramos que foi em Éfeso, no início de sua terceira viagem, que ele encontrou um grupo de discípulos que não tinham ouvido falar do Espírito Santo, e não haviam aprendido o verdadeiro batismo cristão, então instruiu esses irmãos mais perfeitamente nos caminhos do Senhor. — Atos 19:1-7

## **ADMOESTADOS A “CUIDAR”**

Os anciãos de Éfeso, após terem sido lembrados por Paulo de que ele lhes havia declarado “todo o conselho de Deus”, foram admoestados: “Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho que o Espírito Santo entregou aos seus cuidados, como pastores da Igreja de Deus, que ele comprou por meio do sangue do seu próprio Filho.” (Atos 20:28, *NTLH*) Essa admoestação foi dividida em duas partes. Primeiro, os anciãos deveriam cuidar de si mesmos — isto é, dar atenção — à sua própria conduta e proceder na vida. Segundo,

deveriam proteger e alimentar os irmãos, por meio da orientação do Espírito Santo.

A experiência provou que os servos professos da igreja que não cuidam de si mesmos primeiro, não estão qualificados para proteger de modo correto e eficaz o bem-estar espiritual dos outros. Para os anciãos da igreja, prestar atenção a si mesmos significa, entre outras coisas, que não nutrem um conceito indevidamente alto de si mesmos. O orgulho da mente e do coração distorce a visão espiritual e torna ineficaz aquilo que, de outra forma, poderia ser um ministério abençoado do evangelho.

Cuidar de si mesmo também subentende um estudo cuidadoso e zeloso da Palavra de Deus. Alguém não pode ministrar aos outros aquilo que ele mesmo não entende. Paulo havia visto um exemplo vívido disso no ministério de Apolo. Aparentemente, Apolo tinha grande habilidade como orador, mas, independentemente disso, até que ele tivesse sido mais plenamente instruído, não foi capaz de transmitir conhecimento a outros que ele mesmo não possuía. (Atos 18:24-26) Compreender a verdade é importante, como Paulo escreveu mais tarde a Timóteo, dizendo: “Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar, que maneja corretamente a palavra da verdade.” — 2 Tim. 2:15, *NVI*

### **“LOBOS FEROSOS”**

Paulo, com discernimento, previu que quando sua própria influência pessoal não fosse mais exercida entre os irmãos, eles teriam sérios problemas. “Lobos ferozes” entrariam entre os irmãos, ele advertiu, ‘não

poupando o rebanho’. E acrescentou: “E dentre vocês mesmos se levantarão homens que torcerão a verdade, a fim de atrair os discípulos.” — vs. 29, 30

A igreja em Éfeso é uma das sete igrejas mencionadas nos capítulos 2 e 3 de Apocalipse. Embora essas sete igrejas possam ser vistas como simbolizando toda a igreja em seus vários estágios de desenvolvimento ao longo da Era Evangélica, é razoável supor que foram selecionadas para esse propósito devido a circunstâncias especiais associadas a elas na condição de congregações locais na Ásia Menor. O registro do Revelador parece refletir a profecia de Paulo de que falsos líderes, “lobos”, entrariam na igreja em Éfeso, ao dizer: “Conheço as suas obras, o seu trabalho árduo e a sua perseverança. Sei que você não pode tolerar homens maus, que pôs à prova os que dizem ser apóstolos mas não são, e descobriu que eles eram impostores.” — Apo. 2:2, *NVI*

Paulo, continua dizendo aos anciãos de Éfeso: “Por isso, vigiem! Lembrem-se de que durante três anos jamais cessei de advertir a cada um de vocês disso, noite e dia, com lágrimas.” (Atos 20:31) Paulo tinha dado um bom exemplo para esses irmãos durante um longo tempo, e agora ele queria que eles imitassem esse padrão — segui-lo como ele seguiu a Cristo. — 1 Cor. 11:1

Mesmo desejando que eles seguissem seu exemplo, Paulo nunca perdeu de vista o fato de que a responsabilidade primária de todo cristão verdadeiro é para com o Senhor, e que todos deveriam olhar para ele, não para qualquer fonte humana, em busca de orientação e ajuda quando houver necessidade. “Encomendo-vos a Deus”, disse a esses anciãos, “e à palavra da sua graça, que pode edificá-los e dar-lhes herança entre todos os

que são santificados”. (v. 32) Ao escrever para os irmãos em Filipos, ele expressou esse mesmo sentimento de que tinha confiança de que ‘aquele que começou boa obra em neles, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus’. — Flp. 1:6, *NVI*

## **PALAVRAS DE DESPEDIDA AOS ANCIÃOS**

Paulo foi verdadeiramente um santo consagrado, e ele deu um exemplo notável no fato de que não dependia dos irmãos a quem servia em coisas espirituais para cuidar de suas necessidades físicas. Aos anciãos efésios, ele disse: “Vocês mesmos sabem que estas minhas mãos supriram minhas necessidades e as de meus companheiros.” (Atos 20:34, *NVI*) Isso é notável, pois Paulo, além de providenciar seu próprio sustento como um fabricante de tendas, também cuidou dos que viajavam com ele. — Atos 18:3

Paulo, sentindo-se abençoado, dedicou todo o seu tempo e força. Ele disse: “Em tudo o que fiz, mostrei-lhes que mediante trabalho árduo devemos ajudar os fracos, lembrando as palavras do próprio Senhor Jesus, que disse: ‘Há maior felicidade em dar do que em receber.’” (Atos 20:35) Paulo havia provado por experiência própria que Jesus estava certo, e todo cristão que segue fielmente seus passos também tem provado isso, lembrando as palavras do Mestre: “Vocês receberam de graça; deem também de graça.” — Mateus 10:8, *NVI*

Tendo terminado suas palavras de exortação, Paulo se ajoelhou com todos os anciãos e oraram juntos. Os anciãos então se despediram do apóstolo, num momento que foi muito emocionante para todos. Diz o

relato: “Ajoelhou-se com todos eles e orou. Todos choraram muito e, abraçando-o, o beijavam. O que mais os entristeceu foi a declaração de que nunca mais veriam a sua face. Então o acompanharam até o navio.” — Atos 20:36-38, *NVI*

## **A CAMINHO DE JERUSALEM**

O navio em que Paulo e seus companheiros estavam partiu de Mileto, navegou para Cós, no dia seguinte para Rodes, e depois para Pátara. Lá eles trocaram de navio, encontrando um que estava navegando para a Fenícia. Esse navio os levou para a Síria, e eles ‘desembarcaram em Tiro, onde o navio deveria deixar sua carga’. Eles encontraram discípulos em Tiro e ficaram ali por “sete dias”. — Atos 21:1-4

Pouco é dito sobre os sete dias com os discípulos de Tiro, exceto que eles advertiram Paulo a não ir a Jerusalém. A advertência foi baseada numa informação recebida “através do Espírito”. Entretanto, Paulo seguiu em frente, pois interpretou a mensagem do Senhor como sendo meramente um teste de sua integridade. Eles fizeram uma oração de despedida com os irmãos de Tiro e depois partiram. — vs. 4-6

Houve uma parada de um dia em Ptolemaida, onde saudaram os irmãos, e então o grupo de Paulo partiu e chegou a Cesareia. Lá, relata Lucas, ‘ficaram na casa de Filipe, o evangelista, um dos sete [diáconos]’. Filipe tinha quatro filhas, aparentemente todas discípulas consagradas do Mestre. — vs. 7-9; Atos 6:3-6

## A PROFECIA DE ÁGABO

Enquanto ainda estavam na casa de Filipe, “desceu da Judéia um profeta chamado Ágabo”, que tomou o cinto de Paulo e amarrou suas próprias mãos e pés, e disse: “Assim diz o Espírito Santo: ‘Desta maneira os judeus amarrarão o dono deste cinto em Jerusalém e o entregarão aos gentios.’” Lucas então relata: “E quando ouvimos estas coisas, tanto nós como aqueles daquele lugar, rogamos-lhe que não subisse a Jerusalém.” — Atos 21:10-12, *NVI*

Isso colocou Paulo em uma posição muito difícil. Em vários lugares, ele havia recebido informações semelhantes. Não obstante, ele ainda estava determinado a ir a Jerusalém. Filipe e os de sua casa, Ágabo e até mesmo seus companheiros de viagem, pediram a Paulo que desse ouvidos às informações dadas pelo Espírito Santo e, assim, evitasse as dificuldades que certamente experimentaria se, conforme entendiam, ele insistisse em ir a Jerusalém. Ele deve ter compreendido que os irmãos o considerariam bastante obstinado se não acatasse os conselhos deles.

Paulo se recusou a reconsiderar. Sua resposta foi: “Por que vocês estão chorando e partindo o meu coração? Estou pronto não apenas para ser amarrado, mas também para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus.” (v. 13) Não achamos que Paulo fosse um irmão que se exporia de forma imprudente ao perigo, mas ele sabia que havia perigo. Devemos presumir então que, de alguma maneira não revelada no registro bíblico, o Senhor deixou claro para ele que deveria correr os riscos que diversas pessoas, por meio do Espírito Santo,

haviam indicado, e que nada aconteceria a ele a menos que permitido pelo Pai Celestial.

Ao escolher esse caminho, Paulo provavelmente tinha em mente que estava seguindo os passos de Jesus de modo bem literal, pois Jesus também se confrontou com o mesmo teste. Jesus também sabia que ir a Jerusalém significaria sua prisão e morte, e anunciou isso aos seus discípulos. Pedro tentou dissuadir o Mestre de se expor ao perigo. Jesus respondeu: “Para trás de mim, Satanás.” — Marcos 8:31-33

Foi o Espírito Santo que testemunhou a Jesus, por meio dos profetas, que ele deveria sofrer e morrer. No entanto, o Espírito Santo também revelou que a vontade do Pai Celestial era que seu Filho sacrificasse sua vida como Redentor do homem. Para Paulo, o Espírito Santo revelou que ele tinha o privilégio — bem como todos os discípulos de Jesus tinham — de sofrer e morrer com ele. (Rom. 8:17; 2 Tim. 2:11, 12) O fato de que o Espírito Santo havia revelado que sua obra de sacrifício poderia ser consumada em Jerusalém era para Paulo mais um teste da genuinidade de sua consagração para fazer a obra de Deus.

## **TESTES DE FÉ**

Todo filho verdadeiramente consagrado de Deus passa por esses testes em “Jerusalém”. Eles provam se iremos ou não aonde o Senhor quer que vamos, se faremos o que ele quer que façamos e seremos o que ele quer que sejamos. Para nos testar, como fez com Paulo, o Senhor pode nos deixar ver o que aparentemente pode ser uma maneira menos custosa de servi-lo. Se, no entanto, tivermos em mente a grande verdade

fundamental que fomos convidados para sofrer com Jesus, e que concordamos em fazê-lo, até a morte, seremos fortalecidos para enfrentarmos todas as provas de maneira agradável ao Senhor e para a sua glória.

Quando os irmãos perceberam que não conseguiriam dissuadir Paulo de prosseguir com seus planos de ir a Jerusalém, disseram: “Seja feita a vontade do Senhor.” (Atos 21:14, *NVI*) A visita deles na casa de Filipe terminou e Paulo e seus companheiros continuaram a caminho de Jerusalém. Alguns dos irmãos de Cesareia, com um “um dos primeiros discípulos” de Chipre chamado Menasom, juntaram-se a eles. (vs. 15, 16) Os irmãos que percorreram esse último segmento da viagem, com Paulo até Jerusalém, formaram uma delegação e tanto. Observamos o grau de devoção de todos os seus membros, pois sabiam que havia um certo perigo de estarem com Paulo em Jerusalém.

Chegando à cidade, os irmãos de Jerusalém, como Lucas registra, ‘os receberam com alegria’. (v. 17) Assim terminou a terceira viagem missionária do apóstolo Paulo. Apesar das mudanças que logo ocorreriam em seu ministério, a busca pelo povo de Deus continuaria. A participação de Paulo nessa obra também continuaria, com novas e diferentes oportunidades para divulgar a mensagem do Evangelho.

